

DE NORTE A SUL DO TOCANTINS: BOSQUEJOS DA CULTURA POPULAR

FROM THE NORTH TO THE SOUTH OF TOCANTINS: A LOOK AT POPULAR CULTURE

87

Sebastião de Sales Silva

Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Gurupi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7070-3364>

Adílio Jorge Sabino

Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Gurupi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5452-9629>

Sara Caroliny Marques Moraes Chaves

Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Gurupi

DOI: 10.21680/2595-4024.2024v7n1ID36496

Resumo

Este ensaio memorialístico apresenta a unidade federativa mais nova da união – que traz consigo manifestações centenárias que retratam não somente a identidade, mas deixam vivas crenças, tradições, cultura e legado de seu povo. Este trabalho foi desenvolvido na perspectiva de vislumbrar breve bosquejo das manifestações culturais tocantinenses, sendo ponto de partida para futuras pesquisas e mapeamento do fazer cultural no estado. Este estudo é autorreferente e se organiza de forma memorialística a partir dos saberes e fazeres culturais de nosso Brasil Central – terra de cerrados, danças e teatralidades que falam de povos que cantam, rezam, mandigam, celebram e espiralam seus corpos e ancestralidades no cruzo de um tempo que metaforicamente dança e brinca como uma criança em dia de chuva. Este trabalho fala do nosso povo, desde de *Caretas* até uma mãe por nome de *Dona Romana*. O ensaio pode ser lido como mergulho nas águas doces dos autores que transcrevem suas memórias afetivas e sensíveis ou ainda, como cartografia que datilografa o legado do nosso povo tocantinense, de Brasil Cerrado, que recria as suas manifestações culturais no aqui e no agora. Este ensaio é uma organização para colocar o nosso bloco na rua ou convite para sentar na calçada e ver a festa que vem das ruas brincar.

Palavras-chave: Cultura Popular. Tocantins. Ensaio memorialístico.

Abstract

This memorial essay presents the youngest federal unit in the country - which brings with it centuries-old manifestations which depict not only its identity, but also the beliefs, traditions, culture and legacy of its people. This work was developed with a view to providing a brief overview of Tocantins's cultural manifestations, as a starting point for future research and mapping of cultural activities in the state. This study is self-referential and is organized as a memoir based on the cultural knowledge and practices of the referred state of Tocantins - a land of savannahs, dances and theatrics that talks of people who sings, prays, *mandinga*, celebrates and spirals their bodies and ancestry through the time, a time of a Tocantins which, metaphorically speaking, dances and plays like a child on a rainy day. This study talks of our people, from the *Caretas* to a mother called *Dona Romana*. This paper can be read as a dive into the sweet waters of the authors who have transcribed their affective and sensitive memories, or even as a cartography that portrays the legacy of people from Tocantins, of the Brazilian savannah which recreates its cultural manifestations in the present moment. This essay is an organization to put our club on the street or an invitation to sit on the sidewalk and watch the party that comes from the streets to play.

88

Keywords: Popular Culture. Tocantins. Memorial essay.

1. O LEGADO CENTENÁRIO DO CAÇULA

O estado mais novo da federação, localizado no coração do Brasil, possui inúmeras riquezas naturais, dentre elas a maior ilha fluvial do mundo, águas esverdeadas que se assemelham com pedras preciosas e vegetação que une cerrado e Amazônia. Por delimitação e forma foi denominado "Bico de Tucano" em tupi "Tocantins", abriga nove etnias indígenas e comunidades quilombolas. O estado criado por meio da constituição de 1988, possui cerca de 277 (duzentos e setenta e sete) quilômetros quadrados, e apesar da pouca idade, a história do estado é bastante antiga e se funde com a história do estado de Goiás. Episódios de esquecimento e pobreza levaram a luta por um movimento separatista, ao longo de séculos houveram diversas tentativas de fazer o norte goiano conquistar sua autonomia, somente em 1987 uma emenda à constituição tratando da criação do estado foi apresentada e aprovada. Em 5 de outubro de 1988 é criado o Tocantins, o mais novo estado, caçula das unidades federativas.

A unidade federativa mais nova da união, apesar de caçula, traz consigo manifestações centenárias que retratam não somente a identidade, mas deixam

vivas crenças, culturas, tradições e o legado de seu povo. Em cada canto do estado seja na memória ou em manifestações, a essência do povo tocantinense é lembrada nos grandes eventos religiosos, que movem multidões e fortalece o sentimento de pertencimento do tocantinense, na cultura, personagens e brincadeiras tradicionais remontam histórias e vivências, histórias passadas de geração em geração, como heranças culturais, contadas e cantadas pelos que aqui passaram e deixaram suas memórias. Assim, coadunamos com o que Leda Maria Martins (2021) nos diz:

Nessa perspectiva, a memória do conhecimento constantemente se recria e se transmite pela oralitura da memória, ou seja, pelos repertórios performáticos orais e corporais, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são também meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes. Assim, as performances orais, cerimônias e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, técnicas e procedimentos culturais residuais, recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo imantado pela voz, portais de inscrições e grafias, instituindo e transmitindo saberes de várias ordens, entre eles os estéticos e filosóficos. [...]. O corpo porta a memória dos ancestrais e os cantos são eles mesmos os ancestrais. (Martins, 2021, p.150).

Este ensaio foi desenvolvido na perspectiva de vislumbrar um breve desenho, bosquejo das manifestações culturais tocantinenses para deixar registrada as oralituras que nos foram contadas, não podemos perder aquilo que herdamos. Escrever sobre estas manifestações culturais se desenha como maneira de deixar viva a memória do nosso povo. Dessa forma, destacamos algumas manifestações e mapeamento do fazer cultural no estado, uma vez que são raros os registros e arcabouços teóricos acerca dos estudos culturais populares da federação caçula. Com isso, para consecução deste estudo estabeleceu-se como objetivo delinear dez manifestações da cultura popular no estado do Tocantins.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida por meio de um estudo bibliográfico. Neste tipo de estudo, o pesquisador opta pela abordagem qualitativa quando objetiva a compreensão dos fenômenos que estuda, como as ações dos indivíduos, grupos ou organizações dentro de um determinado

ambiente ou contexto social. Dessa forma, permite a interpretação segundo as perspectivas dos próprios sujeitos, sem levar em consideração a representação numérica, estudos estatísticos e relações sistêmicas de causas e efeitos. Enfatiza ainda, que os adeptos desse tipo de pesquisa evidenciam a experiência humana valorizando a forma com que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos.

90

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente dos registros anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino, 2007, p. 122).

Os desenhos das manifestações populares apresentadas neste estudo foram organizados de modo a permitir leitura dos principais elementos abordados pelos executores da cultura, sendo realizada resenha descritiva apontando modo, forma e como são realizados os movimentos da cultura popular tocantinense. Concordando com Severino (2007), que enfatiza a pesquisa bibliográfica a partir dos registros disponíveis, foram utilizadas fontes jornalísticas como referenciais que delineiam e marcam a presença destas manifestações do norte ao sul do Tocantins. Sendo assim, análises e demonstrações serão objetos de estudos vindouros, com finalidade de elaborar material consistente acerca de cada manifestação cultural apresentada nesse ensaio.

A opção pela escolha deste objeto de estudo e pelo modo de apresentação se deve fundamentalmente pelas perspectivas futuras de delineamento e aprofundamento na cultura popular tocantinense, pela ótica científica na busca da realização de registros e construção de materiais acadêmicos ou pelo viés da manutenção e preservação, que busca incentivar e possibilitar a continuidade dos movimentos culturais. Para tanto, no primeiro momento o foco desse trabalho é fazer recortes da cultura popular no âmbito do estado mais novo do Brasil, o caçula que possui um legado histórico.

2. RECORTES E COSTURAS CULTURAIS DO TOCANTINS

O ofício da costureira ao coser uma colcha de retalhos é de unir pedaços para formar uma única peça, árdua missão por sinal, cada peça tem sua forma, sua estampa e tecidos com caimento diferente, mas ao final, por mais penoso que tenha sido o trabalho, o resultado enche os olhos de quem vislumbra a colcha pronta. A tentativa dos autores é a costura, interligar nessas páginas retratos, recortes, retalhos de um povo que de norte a sul expressa sua intimidade e sua identidade por meio de suas manifestações culturais, de suas crenças e de suas tradições.

91

Dos Caretas às Cavalhadas, folias, seja de Reis ou do Divino. Não importa a grafia se Suça, Sussa, Suscia, Súcia ou Russia, todas elas estão igualmente corretas, o importante mesmo é a marca deixada por seus passos, ritmos, sons e movimento. O congo ou congada, a catira e a roda de São Gonçalo todas embrenhadas de fé, gratidão e devocão expressam muito mais que passos marcados, mas a esperança e fé de um povo. A tentativa deste ensaio busca inspiração no coser da costureira – neste trabalho desenhos/bosquejos de algumas manifestações da cultura tocantinense são recortados para estampar o nosso vestido de festa e de brincadeira. Vamos colocar o nosso bloco na rua.

Apresentamos algumas fantasias, escolha a sua e venha brincar com a gente. Aqui cantamos, dançamos e contamos os principais movimentos culturais para tecer uma colcha de retalhos no formato de um bico de tucano, do nosso Tocantins.

2.1 Enfrentando as chicotadas dos Caretas

A festa dos Caretas acontece em Lizarda – TO, município localizado na região do Jalapão, leste do estado, que possui cerca de 3.725 habitantes. Essa manifestação popular tradicional, herdada da cultura dos folguedos, originária do Piauí e do Maranhão, estados com que o município faz divisa, nela há a figura do “enfrentante”, o líder dos caretas com o objetivo de defender a “quinta” – roça

manzuá

constituída de bananeiras e canas, construída especificamente para a festa (Gazeta do Cerrado, 2024).

A manifestação cultural é um evento quase centenário no município. A programação começa com orações, seguidas de cantigas de roda entoadas pela população. O ponto alto é a chegada dos Caretas, cujas identidades são mantidas em segredo. Com o objetivo de proteger a "quinta", os Caretas distribuem chicotadas implacáveis em quem tenta roubar as plantas. Embora os guardiões tentem evitar acertar o rosto dos desafiantes, as chicotadas podem ser bastante dolorosas.

Com ou sem medo, centenas de pessoas participam do evento, e se dividem em quem torce para os Caretas e contra ele. É na verdade, uma grande brincadeira e celebração do nosso povo. Sabemos que não existe um consenso sobre a origem correta da manifestação cultural, e sobre sua simbologia, no entanto, por quase cem anos a festa é realizada e a tradição é passada de geração em geração (TV Anhanguera, 2024).

Apesar da festa conter rezas e orações, não é reconhecida pela igreja. Geralmente é realizada na Semana Santa, especificamente na madrugada do Sábado de Aleluia, para além dos Caretas, outros três personagens participam da festa, a Catita (a esposa dos Caretas), a Égua (a figura animalesca do grupo) confeccionada com a mandíbula de um boi articulada por arame e o Fantasma (o ser místico), que tem o objetivo de assustar os participantes. A festa dos Caretas é classificada como uma brincadeira por seus fazedores. Dizem os mais velhos que a festa tenha se originado como um ritual, que simboliza uma espécie de força para Judas ou para inimigos dos Caretas. Apesar de não ser consenso para a população, muitos acreditam que os Caretas representam o bem, por defender a "quinta", outros ainda relatam que os veem como a representação do demônio (Documenta Tocantins, 2013).



Figura 01: Caretas de Lizarda – TO. Fonte: Gazeta do Cerrado, 2024.

2.2 A serpente tão grande, quanto a travessia do rio

Porto Nacional tem sua origem ligada a navegação pelo Rio Tocantins e pela extração de ouro que trouxe inúmeros garimpeiros. No final do século XVI, os bandeirantes chegam à região pela Província de Goiás, por volta de 1592. Em 1723, Bartolomeu Bueno anuncia a descoberta de ouro na região, com a exploração surgiram povoados, entre eles Porto Real (atual Porto Nacional, 1738). Com a vinda da família real portuguesa, em 1808, ocorreu a retomada do crescimento da futura cidade de Porto Nacional, a vila se tornou um importante entreposto comercial para negociantes que faziam viagens pelo rio Tocantins (IPHAN, 2014).

A Catedral Nossa Senhora das Mercês situada na margem direita do antigo rio Tocantins – hoje lago da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães –, foi construída entre os anos de 1894 e 1903, com o empenho da comunidade local, que por sua imponente beleza e rusticidade, causa vislumbre daqueles que a apreciam (Menezes; Costa; Balsan, 2022). É nesse cenário que se encontra uma importante lenda tocantinense “A cobra Boiúna”, a serpente, que fica adormecida debaixo da Catedral Nossa Senhora das Mercês, acorda, todos os anos durante o carnaval, para animar os foliões em Porto Nacional.

manzuá



94

Figura 02: Cobra Boiúna é desenterrada do subsolo da Catedral" e percorre as ruas da cidade.
Fonte: Prefeitura de Porto Nacional, 2018.

O som da banda municipal e dos tambores do Tocantins fazem despertar a serpente gigante conhecida como a mãe dos rios da Amazônia, de tão grande acredita-se que a Boiúna esconde sua cabeça no subsolo da Catedral Nossa Senhora das Mercês e o seu corpo atravessa o rio Tocantins até a outra margem. Ela desperta todo ano, sai às ruas e serpenteia durante todo o período de carnaval, no último dia é devolvida pelos foliões ao rio. Acompanham a serpente 14 (catorze) bonecos gigantes que representam personalidades e retratam a história social dos portuenses (Porto Nacional, 2018).

A serpente tão grande como a travessia do rio Tocantins se caracteriza como um fértil terreno de memórias, de histórias contadas do nosso povo e que faz crê na ritualização, na performance do cotidiano e na reelaboração das nossas memórias. Em histórias que conta a nossa história e recria a nossa cultura, ou como afirmou Leda Maria Martins (2021):

Que a performance revela aquilo que muitas vezes, os textos silenciam. Neste viés, as performances rituais, cerimônias e festeos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios de reserva mnemônicas, ações cinéticas, padrões, técnicas e procedimentos culturais recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. Nessa perspectiva o ato performático ritual não apenas nos remete ao universo semântico e simbólico da dupla repetição de uma ação reapresentada, mas constitui, em si mesmo, a própria ação. As cerimônias rituais ocupam lugar ímpar e privilegiado na formação das culturas negras, pois, como

territórios e ambientes de memória, recriam e transmitem, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, formas e técnicas de criação e de transmissão. São registros e meios de construção indenitária, transcrição e resguardo de conhecimentos. (Martins, 2021, p. 47).

A história da “Cobra Boiúna” é uma narrativa que brinca com a memória do povo de Porto Nacional/TO e diríamos que faz parte do imaginário da cultura popular brasileira, volta e meia em nossas andanças ouvimos, “debaixo da daquela igreja tem uma cobra gigante” – já ouvimos essa historieta pelo Norte do país e no Nordeste. O que tem teriam em comum nessas duas regiões do país? Por hora não é o objetivo deste ensaio, mas afirmamos que será num futuro próspero. O que sabemos é que tudo isso faz parte do imaginário popular, essa cobra rasteja e mergulha assombrando os nossos povos e ressignificando as nossas culturalidades.

95

2.3 A batalha entre mouros e cristãos (continua).

As Cavalhadas no Brasil foram trazidas pelos colonizadores portugueses por volta de 1756, como forma de evangelização da população local. A tradição perpetuou em alguns lugares brasileiros, com especial força nos estados de Alagoas e de Goiás. No Tocantins, estima-se que a primeira organização da manifestação cultural tenha ocorrido em 1936, com uma pausa após a Segunda Guerra Mundial, sendo retomada em meados dos anos 90 por descendentes dos primeiros idealizadores. “Em Taguatinga, o evento é realizado todos os anos no mês de agosto, como parte dos festejos de Nossa Senhora D’Abadia, padroeira da cidade” (Tocantins, 2023).

Imagine uma assembleia de cavaleiros carregando escudos, lanças e espadas nas mãos, enquanto usam longas capas, com plumas e adereços, e travam batalhas entre si em um campo a céu aberto. Essa poderia ser a descrição de uma cena de guerra em um filme ambientado na Idade Média, mas é uma tradição realizada por décadas no interior do Tocantins. Todos os anos, no município de Taguatinga, localizado ao sudeste do Estado, ocorrem as Cavalhadas: o maior teatro a céu aberto do Tocantins. O evento reúne pessoas de todas as idades e se confunde com a própria história da cidade. (Tocantins, 2023).

manzuá

No município de Taguatinga o catolicismo é predominante entre os habitantes, as Cavalhadas consistem na encenação da batalha entre os mouros¹ e os cristãos², que ocorriam no período medieval. No teatro, 12 (doze) cavaleiros mouros e 12 (doze) cavaleiros cristãos se apresentam em campo, representando guerreiros. O charme e a beleza encontrados em histórias de cavalaria remontam no desenvolvimento da teatralização da guerra entre mouros e cristãos, por meio da imponente caracterização utilizando flores, fitas e demais adereços com as cores de cada lado combatente, vermelho (mouro) e azul (cristão) (TV Anhanguera, 2018).

96



Figura 03: Reis mouro (em vermelho) e cristão (em azul) antes de entrada em campo - Kadu Souza. Fonte: Governo do Tocantins, 2023.

No primeiro dia ocorre a alvorada, todos os cavaleiros saem em cortejo, bem cedo, até a casa da madrinha das Cavalhadas, enquanto caminham observam o nascimento do sol. É nesse dia que também ocorre a representação da batalha entre mouros e cristãos, com o teatro sendo encenado para o público, demonstrando o conflito medieval. Na ocasião os cristãos saem vitoriosos do combate, culminando na conversão dos guerreiros mouros.

¹ Povos que professam a religião islâmica.

² Adeptos ao cristianismo.

O segundo dia, por sua vez, agita a torcida que comparece nas arquibancadas, ocorrendo uma competição livre entre os dois grupos, com disputas que envolvem corrida a cavalo em alta velocidade e o uso de lanças e espadas. A corrida das argolinhas é a mais esperada, o objetivo dessa disputa é capturar a argolinha presa no meio do campo com a lança. Diferente do dia anterior, em que o lado cristão sempre sai vitorioso, no segundo dia membro de qualquer grupo pode vencer, promovendo a competitividade nos cavaleiros e a motivação nos espectadores (Tocantins, 2023).

2.4 Entrudo, brincantes molhadores do carnaval

A origem do Entrudo no Brasil ocorre no Rio de Janeiro em meados do século XVII. O Entrudo é conhecido pela realização inúmeras brincadeiras e jogos que alteravam de região para região. Um pouco mais tarde, o Entrudo passa ser mais organizado e se dividindo em Entrudo Familiar e Entrudo Popular. Reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade de Arraias. Essa manifestação cultural perpassou o tempo, superou questões raciais, sociais e até mesmo a intervenção da justiça e preservou no sangue arraiano durante séculos, a cada ano atrai mais pessoas que quer conhecer e fazer parte desta folia (Tocantins, 2024).

A Tradição conta com pouco mais de 270 anos, o Entrudo arrasta multidões, que sobem e descem as ladeiras de Arraias, cidade histórica localizada no sul do estado do Tocantins. Os foliões com um balde na cabeça, vão às ruas molhando quem estiver pela frente, durante os dias de carnaval. A brincadeira, contam os moradores mais velhos, teve início com os colonizadores portugueses e permanece até os dias atuais (TV Anhanguera, 2019).



Figura 04: Foliões aproveitam a tradição do Entrudo, em Arraias. Fonte: TV Anhanguera, 2019.

A folia no município de Arraias é peculiar, sua tradição remonta ao Império. O elemento principal da festa é a água. No decorrer dos dias de carnaval, os foliões de Arraias, saem às ruas molhando todos que encontram nas ladeiras do município. O Entrudo ocorre ao som de antigas marchinhas de carnaval, geralmente executados por tocadores zabumba e sanfona. A festa consegue contagiar toda a população da cidade, como regra da brincadeira, ninguém pode ficar nervoso, afinal, todos entram no clima, se molham e se divertem com a água fornecida pela prefeitura. Para garantir os quatro dias de festa, um caminhão pipa dá apoio aos molhadores, brincantes do entrudo (Jornal Tribuna do Interior, 2024).

2.5 Anunciando Divino

A fé e devoção católica ao Divino Espírito Santo como um movimento religioso tem suas ascendências em Portugal, chegando ao Brasil no XIV trazida pelos missionários jesuítas e pelos portugueses, durante o período colonial. Essa celebração religiosa cristã, mantém características da cultura portuguesa, mas também inseriu elementos presentes na cultura regional brasileira (Conexão Tocantins, 2017).

A celebração acontece entre os meses de janeiro e julho, as folias têm a missão de anunciar a presença do Divino Espírito Santo em suas diversas

manzuá

manifestações. Os festejos estão presentes em diversos municípios do estado, dentre eles, Santa Rosa do Tocantins, Silvanópolis, Paranã, Natividade, Monte do Carmo e Almas. Em cada município, a celebração do Divino Espírito Santo apresenta elementos próprios, mas vale ressaltar que algumas características comuns são observadas, a pomba branca, a santa Coroa, a coroação do imperador e a distribuição de esmolas e comida. Durante a celebração são desenvolvidas inúmeras atividades, missa, giro da folia, romaria com bandeiras, festa do capitão do mastro, festa do imperador e cavalgada (Tocantins, 2017).

99



Figura 05: Folia do Divino, foto de Emerson Silva. Fonte: Governo do Tocantins.

Na celebração cada um tem uma função específica, a figura do Imperador representa a comunidade, responsável por mobilizar a população para a efetivação da festa, negociando com as folias que serão despachadas, recrutamento das doceiras, boleiras, licoreiras para que produzam as comidas com fartura, e não falte nada nas festas. O Capitão do Mastro, por sua vez, é o braço direito do Imperador, exerce a função de um mediador, administrador, capaz de executar e colocar em prática as decisões do império. Sob a ótica cristã a Folia do Divino Espírito Santo, busca a renovação da fé do povo do Tocantins, caracterizado pelo ciclo da divindade, ao final de um império indica e inicia um novo império, para que

manzuá

em nome do Divino Espírito Santo e em nome da crença do povo, a fé seja capaz de unir toda a comunidade, e torno perpetuar essa tradição (Tocantins).

2.6 Revisitando a peregrinação à Belém

O festejo popular tem caráter religioso e tem sua origem e mantém características da cultura portuguesa. Ocorre entre as festividades natalinas e o dia 6 de janeiro, revivendo a peregrinação à Belém realizada pelos três Reis Magos (Baltazar, Belchior e Gaspar) para prestigiar a chegada do Menino Jesus, grupos de cantores e músicos vestem fardas coloridas e percorrem as ruas das pequenas cidades entoando cânticos bíblicos fazendo menção à visita dos Reis Magos (Gazeta do Cerrado, 2019).

O grupo de Reisado é composto pelo Alferes da Folia, chefe dos foliões, seguido dos palhaços e de seus instrumentos, desfilam pelas ruas e batem nas portas dos fiéis que desejam receber a visita do grupo, para tomar café e recolher as ofertas para a Folia de Reis. Cada grupo possui sua bandeira, que é levada durante todo o cortejo, a bandeira colorida, enfeitada com fitas e santinhos, comumente é beijada e tocada como significado de respeito. Quando os foliões adentram as casas, a bandeira é levada em todos os cômodos, simbolizando a chegada de bênçãos para o recinto (TV Anhanguera, 2024).



Figura 06: Folia de Reis. Fonte: Gazeta do Cerrado, 2019.

Os palhaços, vestidos a caráter e com máscaras, aguardam do lado de fora, representam os soldados do rei Herodes, executam danças aos sons de violões, de pandeiros, e do cavaquinho, recitando versos. No dia de Reis, 6 de janeiro, o dinheiro arrecadado é gasto em comes e bebes para todos. Natividade, Monte do Carmo, Fátima, Paraíso do Tocantins, Peixe, São Valério, Santa Rosa, Paranã, Almas, Conceição do Tocantins, São Salvador e Silvanópolis, são municípios que buscam manter a tradição e perpetuam a Folia de Reis como manifestação de fé e da cultura no estado do Tocantins (Conexão Tocantins, 2023).

2.7 Celebração a vida e a alegria dos que se foram

As congadas representam a coroação de reis do Congo, podem ser denominadas também de apenas congos, geralmente ocorrem no dia de finados, 02 de outubro, durante os Festejos das Santas Almas Benditas, com a finalidade de homenagear os mortos, característica típica da festa no Tocantins. Embora muitos acreditem que a dança possui origem africana, muitas vertentes foram criadas a despeito do ritual de origem.

Para aqueles que acreditam que a dança veio da África, desde a sua chegada ao Brasil e movimentos em direção ao interior do Brasil através dos negros escravizados, atualmente o que se verifica são variações rememoradas ou recriadas do ritual como seria dançada em seu lugar de origem. De qualquer forma, a dança é, funcionalmente, uma forma de culto e homenagem aos santos católicos com forte ligação com os negros, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Outra versão sobre a origem dos congos é que a dança contém elementos de uma antiga luta entre povos africanos. O ritual não presta homenagem a nenhum desses povos, sendo considerada pelos dançarinos como não apenas como um folguedo ou mesmo “uma brincadeira”, mas, uma prioridade, um compromisso, homenageando a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito com “as danças e a cantoria”. (Zitzke, 2022, p. 129).



Figura 07: Grupo de congos da Fazenda Açude dançam em torno de cruzeiro - Foto: Emerson Silva / Divulgação. Fonte: Governo do Tocantins.

No Tocantins municípios conhecidos como fortes redutos da cultura negra conservam tradições que simbolizam o sincretismo religioso e cultural do Brasil, dentre eles se destacam, os municípios de Santa Rosa, Monte do Carmo, Conceição do Tocantins, Ipueiras e Silvanópolis. Entre essas manifestações, os congos ou congadas. Os congos, fiéis que celebram a Congada, creem que o feriado de finados não é dia de dor e lamentação, mas sim, de celebração a vida e a alegria dos que se foram.

Neste entrelaçar de vida e morte, neste evento de ritualizar, de celebrar a morte, coadunamos o que (Martins, 2021) nos aponta como:

Como palavra, a morte é um evento, um ato necessário na dinâmica de transformação e renovação de tudo o que existe, permitindo o movimento contínuo dos cosmos e sua permanente renovação e revitalização. Se no plano familiar, a morte significa a perda do indivíduo, no plano coletivo ela traduz o seu enriquecimento. Assim a importância dos ritos funerários, que atuam como forças de restauração do equilíbrio momentaneamente sofrido e rompido, um modo de domínio sobre a morte, as lacunas, os vazios, equilíbrio este restituído pelas performances dos ceremoniais fúnebres, que, “se em parte podem ser considerados como rito de passagem, de outra se constituem em ritos de permanência, pois deles nascem os ancestrais. (Martins, 2021, p. 65).

A tradição que chegou ao Tocantins há cerca de 300 anos, celebra o “dia dos mortos” com muita música e dança, em homenagem as santas almas benditas. Os

congos, geralmente abrem caminho para o cortejo em direção ao cemitério. Destaque também para as rezas do terço durante as congadas e a presença da dança Suça (Tocantins).

2.8 Suça, Sussa, Suscia, Súcia ou Sussia

No Brasil, a cultura é uma miscelânea, que retrata a fusão das culturas e costumes indígenas, africanos e portugueses. No Tocantins essa característica cultural brasileira também é observada, a Suça apresenta características que unem essas três matrizes culturais. Por ser considerada uma dança legitimamente tocantinense, a Súcia foi tema do inventário do patrimônio histórico, organizado pelo Governo do Estado do Tocantins (Conexão Tocantins, 2021).

103

A dança apresenta algumas características como a formação da roda, os pares de brincantes na execução da dança, canto de versos curtos diversas vezes repetidos, o uso dos instrumentos de corda, e participação das pessoas que estão durante o pouso de folia. Os brincantes apontam também como característica desta dança, a sensualidade do seu bailado, no qual homens e mulheres ao entrar na roda, encenam movimentos impetuoso e provocantes na tentativa de conquistar o par. (Rodrigues; Bispo, 2015, p. 155).

A Suscia é uma manifestação de dança que associa instrumentos de metal, de sopro, tambores, pandeiro, caixa e sons de viola. Geralmente apresentada em festas religiosas do catolicismo como essência e manifestação da cultura popular. Arraias, Paranã, Almas, Natividade, Santa rosa do Tocantins, Silvanópolis, Monte do Carmo, Chapada da Natividade, Porto Alegre do Tocantins, Conceição, Porto Nacional, Peixe, dentre outros municípios tocantinenses utilizam a Sussa em seus festejos religiosos (Conexão Tocantins, 2021).



Figura 08: Grupo de Suça Tia Benvinda mantém viva dança das senzalas.

Fonte: Conexão Tocantins, 2021.

"Dentre as músicas na dança da súcia temos um refrão: "A formiga que dói é jiquitaia" que é um dos refrões dos versos mais conhecido na dança, entoada pelos foliões durante as festas do Divino Espírito Santo" (Rodrigues; Bispo, 2015, p. 157). "A jiquitaia é apontada como marca coreográfica dentro da súcia, tida pelos brincantes como um dos momentos mais divertidos, geralmente cantada para encerrar a diversão, com paços acelerados que lembram as coceiras provocadas pelas formigas jiquitaia" (Conexão Tocantins, 2021).

2.9 A dança que afasta os pecados

A dança de São Gonçalo é oriunda da lenda em que o santo reunia mulheres em Amarante – Portugal, para dançarem até a exaustão. O objetivo do santo era afastar essas mulheres do pecado aos domingos, considerado o "dia do Senhor", em virtude do cansaço, elas ficariam em repouso e livres do pecado. Conforme a lenda, o santo era quem tocava viola para as mulheres dançarem. No município de Arraias, sul do Tocantins, a dança recebe o nome de "Roda de São Gonçalo" e é dançada por mulheres em pares com a finalidade de pagamento de promessas (Visite o Brasil).

A comunidade de Lagoa da Pedra, em Arraias, é a única a realizar a Roda de São Gonçalo no Tocantins, e sempre em pagamento a uma promessa. Mulheres ficam em pares, vestidas de branco, com fitas vermelhas.

manzuá

Carregam arcos de madeira, enfeitados com flores de papel e iluminados com pavios feitos de cera de abelha. Os homens tocam viola, entoam versos em louvor a São Gonçalo, cuja imagem fica em um altar preparado para a festa, junto a um cruzeiro todo iluminado, colocado próximo ao altar. (Tocantins).



105

Figura 09: Roda de São Gonçalo – Foto: Hellen Batista. Fonte: Visite o Brasil.

2.10 Inspiração mística

Dona Romana vive na cidade de histórica de Natividade, no sudeste do Tocantins, e já inspirou a criação de personagem de novela do horário nobre. Fernanda Montenegro interpretou a personagem Mercedes na novela “O outro lado do paraíso” do autor Walcyr Carrasco, inspirada na vidente. Moradora do Sítio Jacuba, distante cerca de 5 (cinco) quilômetros do centro histórico de Natividade, o local é considerado um território sagrado e a orientação é entrar pela esquerda e sair pela direita, tanto que o local foi apelidado de “labirinto”. Durante todo o percurso é possível contemplar as esculturas erguidas com pedra canga por Dona Romana, sob a orientação do que a vidente simplesmente classifica como “eles” (TV Anhanguera, 2018).

Isso começou em janeiro de 90. Então o mais duido, o mais duido, graças a Deus nessa época eu tinha mais força, já tava cansada de mexer com gente, mas ainda tinha mais força do que hoje. Então o mais duido foi os primeiros sete anos. Que foi de janeiro de 90 a janeiro de 97. Então foi os sete anos mais duidos, porque eu trabalhei que eu pensei que ia morrer di trabalhar. Porque as vezes chegava cinco seis peças por dia eu não tinha tempo pra nada, pra nada, era correndo assim garrada nas pedras.

(Romana Pereira da Silva, 28/09/2012 *apud* Tessellori; Oliveira, 2020 p. 163).



106

Figura 10: Dona Romana acredita que o mundo não tem fim — Foto: TV Anhanguera/Reprodução.
Fonte: TV Anhanguera, 2018.

As pedras amontoadas formam obras místicas, a vidente acredita que as esculturas, especialmente as que possuem formas de animais, em momento oportuno, ainda ganharão vida. “Ao pé de todas as esculturas encontram-se garrafas com água. A água é elemento primordial em todas as oferendas que se faz às divindades africanas e afro-brasileiras, nenhum ritual ou oferenda se faz sem a presença desse elemento” (Tessellori; Oliveira, 2020, p. 169). Ainda seguindo as orientações do que ela denomina como “eles”, Dona Romana estoca em um galpão, grãos, livros, roupas e inúmeras garrafas de água.

“Os grãos são para plantar a nova terra. A água é porque ao levantar da terra o baque é tão grande que todas as águas de rio e de córregos se espalham e não tem como as pessoas beberem. Então a gente guarda para distribuir para as pessoas. As roupas “eles” dizem que aqui vai chegar milhões e milhões de pessoas” (TV Anhanguera, 2018).

3. JUNTANDO RECORTES E TECENDO CONSIDERAÇÕES

A proposta dessa junção de recortes da cultura popular do Tocantins é traçar um desenho, ainda que sejam os primeiros traços, mas com a finalidade de esboçar quão rica e diversa é a cultura popular do Tocantins. Suas manifestações culturais que emanam da fé, das crenças, das manifestações, da religiosidade, da ancestralidade e do sentimento de pertencimento de um povo ante às suas

tradições. Este trabalho, humildemente denominado como um bosquejo, nos convida e nos chama a atenção para a necessidade eminente de imersão na cultura do nosso estado, seja para a produção de material acadêmico para consulta, de cada uma dessas expressões da identidade do Tocantins, ou pela inclusão, sejam nos ambientes de educação formal e/ou informal, do nosso legado cultural, nossas raízes e nossa identidade.

107

A cultura no Tocantins se confunde, funde e cria enlaces com a cultura indígena, quilombola e dos colonos portugueses, são essas imbricações que fazem com que a cultura no Tocantins seja tão peculiar e tão cheia de encantos, é passo da Suça que se mistura ao festejo do Divino ou da Congada, é a roda de São Gonçalo e a fita vermelha, vermelho manto mouro contra o cristão azul, azul como às águas, não ás utilizadas no Entrudo, mas sim, do rio Tocantins atravessado pela cauda da Boiúna, que revive no carnaval como as esculturas animalescas de Dona Romana que na hora certa hão de nascer, nascer como menino Jesus, peregrinando os Reis para conhecer, conhecer a fé, a esperança, a luta cotidiana e a essência do povo tocantinense, que apesar de muito jovem chicoteia as dificuldades sem fazer careta e constrói sua história.

Referências

CONEXÃO TOCANTINS. Entre uma infinidade de ritmos, a Súcia é considerada a dança legítima do Tocantins. 29 abr. 2021. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2021/04/29/entre-uma-infinidade-de-ritmos-a-sucia-e-considerada-a-danca-legitima-do-tocantins>. Acesso em: 29 maio 2024.

_____. Folia do Divino é celebrada e mantém tradição em municípios tocantinenses. 24 abr. 2017. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2017/04/24/folia-do-divino-e-celebrada-e-mantem-tradicao-em-municipios-tocantinenses>. Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Municípios tocantinenses celebram a folia de reis. 06 jan. 2023. Disponível em: [https://conexaoto.com.br/2023/01/06/municipios-tocantinenses-celebram-a-folia-de-reis#pp\[notícia\]/0/](https://conexaoto.com.br/2023/01/06/municipios-tocantinenses-celebram-a-folia-de-reis#pp[notícia]/0/). Acesso em: 28 maio 2024.

DOCUMENTA TOCANTINS. Caretas de Lizarda Tocantins. Youtube, 22 ago. 2013. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=zqgpsGRdlpk&ab_channel=DocumentaTocantis. Acesso em: 26 maio 2024.

GAZETA DO CERRADO. Campanha arrecada doações para a festa dos caretas de Lizarda. 26 mar. 2024. Disponível em: <https://gazetadocerrado.com.br/campanha-arrecada-doacoes-para-festa-dos-caretas-de-lizarda/>. Acesso em: 26 maio 2024.

GAZETA DO CERRADO. Tradição: Folia de santos Reis resiste ao tempo em Chapada de Natividade. 03 jan. 2019. Disponível em: <https://gazetadocerrado.com.br/palavra/tradicao-folia-de-santo-reis-resiste-ao-tempo-em-chapada-de-natividade/>. Acesso em: 28 maio 2024.

IPHAN. História - Porto Nacional (TO). 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1221/>. Acesso em: 26 maio 2024

JORNAL TRIBUNA DO INTERIOR. Entrudo Arraiano: depois de dois anos pós Pandemia Arraias retoma sua tradição secular com o tradicional Entrudo. Disponível em: <https://jtinoticias.com.br/noticia/entrudo-arraiano-depois-de-dois-anos-pos-pandemia-arraias-retoma-sua-tradicao-secular-com-o-tradicional-entrudo/5395>. Acesso em: 28 maio 2024.

MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras UFMG, n. 26, jun. 2003, p. 63-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 30 maio 2024.

_____. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENEZES, Maria Ecilene Nunes da Silva; COSTA, Marcondes Lima da; BALSAN, Rosane. Os lateritos a serviço da fé: a Catedral Nossa Senhora das Mercês em Porto Nacional, Tocantins. GMGA, Ano 09, 2022. Disponível em: <https://gmga.com.br/01-os-lateritos-a-servico-da-fe-a-catedral-nossa-senhora-das-merces-em-porto-nacional-tocantins/>. Acesso em: 26 maio 2024.

PORTO NACIONAL. Seguindo a tradição, a cobra Boiúna foi desenterrada para dar início ao carnaval 2018 de Porto Nacional. 10 fev. 2018. Disponível em: <https://portonacional.to.gov.br/index.php/noticias/sec-de-comunicacao/1069-seguindo-a-tradicao-a-cobra-boiuna-foi-desenterrada-para-dar-inicio-ao-carnaval-2018-de-porto-nacional>. Acesso em: 26 maio 2024.

RODRIGUES, Carmen Tatiane Oliveira; BISPO, Marciléia Oliveira. Súcia: uma dança de manifestação cultural e religiosidade em Monte do Carmo – TO. Revista Produção Acadêmica – Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários – NURBA, n. 1, jun. 2015, p. 144-161.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

manzuá

TESSEROLLI, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Leandro Rui Carvalho Batista. Ancestralidade africana na Casa de Mãe Romana, Sítio Jacuba, Natividade, TO. Escritas: Revista de História de Araguaína, v. 12, n. 1, maio 2020, p. 161-170. ISSN 2238-7188.

TOCANTINS. Cavalhadas de Taguatinga: entre batalhas e rosas. 15 ago. 2023. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/entre-batalhas-e-rosas-as-cavalhadas-de-taguatinga/6csmeh0tgo28>. Acesso em: 27 maio 2024.

_____. Comunidades de St. Rosa mantêm tradição do congado. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/comunidades-de-st-rosa-mantem-tradicao-do-congado/3hxtobjdcy7g#:~:text=Rosa%20mant%C3%AAm%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20do%20congado,->

Grupo%20de%20congos&text=Reconhecidos%20como%20fortes%20redutos%20da,cultural%20e%20religioso%20do%20Brasil. Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Entrudo: sobre o evento. 13 fev. 2024. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/pt/eventos/araias-1/entrudo>. Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Folia do Divino de Natividade: o ciclo da fé. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/folia-do-divino-de-natividade-o-ciclo-da-fe/pv452mb0xuc>. Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Municípios tocantinenses mantêm viva a tradição da Folia do Divino. 20 abr. 2017. Disponível em: <https://www.to.gov.br/sics/noticias/municipios-tocantinenses-mantem-viva-a-tradicao-da-folia-do-divino/1u9gu7hareor>. Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Tocantins revela forte herança negra em manifestações culturais. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/tocantins-revela-forte-heranca-negra-em-manifestacoes-culturais/7w5nubjurpf>. Acesso em: 29 maio 2024.

TV ANHANGUERA. Cavalhadas mantém viva a cultura e a tradição em Taguatinga. Globoplay. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5236732/>. Acesso em: 27 maio 2024.

_____. Conheça mulher que inspirou Mercedes, personagem de O Outro Lado do Paraíso. G1. 11 maio 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/conheca-mulher-que-inspirou-mercedes-personagem-de-o-outro-lado-do-paraiso.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2024.

_____. Fé e tradição marcam festa da Folia de Reis, uma das manifestações religiosas mais antigas. G1. 07 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2024/01/07/fe-e-tradicao-marcam->

manzuá

festa-da-folia-de-reis-uma-das-manifestacoes-religiosas-mais-antigas.ghtml.
Acesso em: 28 maio 2024.

_____. Jornal do Campo TO. Tradicional festejo das Caretas de Lizarda movimenta a região do Jalapão. Globoplay, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12497975/>. Acesso em: 26 maio 2024.

_____. Tradição com mais de dois séculos, Entrudo leva multidões pelas ladeiras de Arraias. G1. 04 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/03/04/tradicao-com-mais-de-dois-seculos-entrudo-leva-multidoes-pelas-ladeiras-de-arraias.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2024.

VISITE O BRASIL. Roda de São Gonçalo. Disponível em: <https://www.visitobrasil.com.br/norte/tocantins/folclore/conheca/roda-de-sao-goncalo>. Acesso em: 30 maio 2024.

ZITKE, Valdir Aquino. Congos, Congadas e Congadeiros: Identidades Negras Ancestrais no Tocantins. Revista Tempo Amazônico, v. 11, n. 1, jul./dez. 2022, p. 125-144. ISSN 2357-7274. Disponível em: https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=2228. Acesso em: 28 maio 2024.